

CONTRIBUIÇÕES DA INSTRUÇÃO BASEADA EM CONTEÚDOS (CBI) NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS.

Regina Helena Carnaúba Telles¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo explorar, através da elaboração de um comparativo bibliográfico, mediante investigação em material eletrônico, livros, artigos e teses publicados entre 1983 e 2002 relacionados com a aquisição da linguagem na visão de Stephen Krashen entre outros linguistas e estudiosos, focando a abordagem natural e aprendizagem baseada em conteúdos para crianças até 10, 11 anos; e por meio da minha experiência profissional pessoal de 12 anos de estudo, pondo em prática as técnicas da referida teoria. Esse artigo também tem finalidade de fomentar o interesse nos docentes de língua inglesa que trabalham com o ensino de crianças sobre essa teoria e despertar um maior empenho nos estudos de comparação das metodologias utilizadas para essa faixa etária, valendo-se pela importância de se ter uma forma apropriada no aprendizado deste idioma que proporcione o desenvolvimento da competência comunicativa, oferecendo aos alunos um método que propicie interação, que seja eficiente, atraente e factível, gerando fluência e uma grande amplitude de vocabulário.

Palavras-chave: aquisição da linguagem, Stephen Krashen, abordagem natural, língua inglesa, competência comunicativa.

ABSTRACT

This work aims to explore, through the elaboration of a bibliographic comparison, through research in electronic material, books, articles and theses published between 1983 and 2002 related to language acquisition in the view of Stephen Krashen among other linguists and scholars, focusing on natural approach and content-based learning for children up to 10, 11 years old; and through my personal professional experience of 12 years of study, putting into practice the techniques of that theory. This article is also intended to encourage the interest of English language teachers who work with teaching children about this theory and arouse greater efforts in studies comparing the methodologies used for this age group, taking advantage of the importance of having an appropriate way in learning this language that provides the development of communicative competence, offering students a method that provides interaction, which is efficient, attractive and feasible, generating fluency and a wide range of vocabulary.

Keywords: language acquisition, Stephen Krashen, natural approach, English language, communicative competence.

¹ Mestre em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina, docente do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus de Palmeira dos Índios. E-mail reginatelles@hotmail.com

Introdução

Foram diversas as metodologias e abordagens trabalhadas ao longo da minha carreira como professora de inglês. Em razão do que pude vivenciar em sala de aula, digo que é essencial ter uma forma eficaz no aprendizado desse instrumento de comunicação global que é a língua inglesa. O meio escolhido pelas escolas varia de acordo com suas necessidades; diferentes públicos, faixas etárias, materiais didáticos, habilidade natural de aprendizagem do aluno, tempo de exposição ao idioma e diversos outros fatores que influenciam nessa escolha.

O dinamismo da época em que vivemos requer constantes mudanças de atitude para não ficarmos desatualizados. A globalização impulsiona um processo de desenvolvimento acelerado, que fomenta a diversidade cultural. Conforme Zilles (2006), a ideia de “quanto mais cedo melhor” está cada vez mais presente nas manifestações de donos de escolas, educadores, pais de alunos e na mídia como um todo. Espera-se poder oferecer aos alunos uma abordagem que proporcione interação, que seja apropriada, atraente e factível. Aspira-se que o processo de ensino e aprendizagem da língua proporcione ao aprendiz uma diretriz comunicativa; um desejo de interação, de convivência harmoniosa com os outros. Deseja-se que o estudante perceba que o objetivo do aprendizado de uma língua estrangeira é o seu uso na comunicação.

Tradicionalmente, as crianças são expostas a um método baseado na gramática normativa, elas veem estruturas programadas e restritas, estruturas essas definidas pelo livro adotado ou pelo professor. Dessa forma, ficam limitadas àquele pequeno universo ao qual são apresentadas sem ter noção de como a língua na vida real funciona. É por esse motivo que não é raro ouvirmos observações de alunos que dizem que quando viajam, ouvem algo totalmente diferente do que foram acostumados a ouvir em sala de aula.

Este estudo tem como objetivo exprimir alguns fragmentos da teoria de aquisição da linguagem, sobretudo a aplicabilidade das contribuições da hipótese da instrução baseada em conteúdos (CBI) e avaliar suas implicações para a linguística aplicada, tendo como fundamentação teórica Stephen Krashen, Tracy Terrell entre outros estudiosos dessa abordagem.

1. Instrução baseada em conteúdos (CBI) numa visão geral

De acordo com Brinton et al (2003), instrução baseada em conteúdos (CBI), visa eliminar a separação artificial entre ensino da língua e ensino do conteúdo que existe na maioria dos ambientes educacionais. Para Hernandez (2003), instrução baseada em conteúdos pode ser uma ferramenta eficaz para fornecer acesso a áreas específicas de aprendizagem aos aprendizes de língua inglesa. O conteúdo em programas de CBI, representa material que é cognitivamente atraente e exigente para o aluno e é um material que se estende além da cultura ou língua alvo. Haja vista a importância de se produzir alunos que compreendam a língua inglesa sem traduzir palavra por palavra em suas línguas nativas, a escolha de um material significativo é essencial. Além disso, Brinton acredita que material baseado em conteúdos, motiva os alunos a adquirir não somente a língua alvo, mas aprender o conteúdo proposto. Segundo Stoller (1997), existe uma conexão entre motivação e interesse do aluno – ambos são resultados comuns de aulas baseadas em conteúdos – e a capacidade que o aluno tem de processar materiais desafiadores e recordar informações. A motivação permite que os alunos aprendam inglês sem ter medo de errar e usem-no como meio de comunicação, além de fazer esses alunos entenderem o propósito real de estudar inglês. Em outras palavras, alunos motivados podem ter a consciência de que inglês não é apenas uma matéria ou um meio de passar numa prova para ingressar nas universidades. De acordo com Sticht (1997), todas as atividades humanas intelectuais, como pensar, comunicar-se, solucionar problemas e aprendizagem, exigem os dois; processos e conteúdos. Isso implica que a tentativa de aprimorar habilidades cognitivas das pessoas a níveis elevados, simplesmente aperfeiçoando práticas de leitura e escrita é em vão. Realizar esses processos acertadamente requer altos níveis de conhecimento em conteúdo nos quais esses processos podem operar.

Instrução baseada em conteúdos é a integração de um conteúdo particular com o objetivo de ensinar uma língua; é baseado no princípio que o aprendizado eficaz de uma língua ocorre quando os alunos são expostos a um material na língua alvo de forma significativa, contextualizada, cujo foco é adquirir informação e conhecimento. Em CBI, o conteúdo pode se referir a assuntos acadêmicos ou temas culturais (Brinton ET al., 1989, p.5). Pesquisas mostram que o ensino de línguas através de conteúdo tem se destacado em vários modelos de ensino, especialmente em programas de imersão e educação bilíngue, além de ter presença crescente em outros contextos de educação em segunda língua.

As ideias de Krashen e Vygotsky (pai do construtivismo social) se assemelham. Para o aluno, a aprendizagem de idiomas de forma inconsciente, não planejada e baseada na experiência prática e multicultural tem como objetivo a produção espontânea do aprendiz em

contextos de comunicação real. O tempo que cada aluno, individualmente, precisa para efetivamente produzir é respeitado.

Em seu livro, “The Natural Approach” (Krashen and Terrell, 1983), Krashen e Terrell se referem ao método de adquirir capacidade em outra língua diretamente, sem ensino de gramática, como ocorre na abordagem tradicional. Eles consideram sua abordagem como “um método tradicional”, enquanto muitos outros especialistas em linguística consideram o método de gramática tradução como “o método tradicional”. Para Krashen, mesmo o método de gramática tradução não é tão velho e tradicional quanto o método de aquisição da linguagem em seu ambiente natural, um método que já foi usado por centenas e centenas de anos.

A teoria defendida por Krashen sugere que adultos podem alcançar tudo, menos o aspecto fonológico de qualquer que seja a língua estrangeira. O que diferem adultos de crianças são suas habilidades de resolver problemas que os fazem processar a gramática de uma língua estrangeira conscientemente. Por este motivo, adultos têm dois caminhos a seguir: aquisição e aprendizagem. Contudo, crianças têm apenas um: aquisição.

Pode-se acreditar que a abordagem natural e o método natural são semelhantes. O método natural (ou método direto) e a abordagem natural diferem no fato que o primeiro põe mais ênfase em monólogos do professor, perguntas e respostas formais e correção de erros. Krashen e Terrell observam que “a abordagem natural é em muitos aspectos o método direto, natural, redescoberto e é semelhante a outras abordagens comunicativas sendo desenvolvidas hoje.” A abordagem natural, como TPR (total physical response), é considerada como um acesso à linguagem baseado em compreensão por causa de sua ênfase no atraso inicial (período de silêncio) na produção da língua. O que é novo é que a abordagem natural foca tanto na exposição a ser fornecido ao aprendiz ao invés da prática gramatical, quanto na preparação emocional para a aquisição acontecer.

“Acquisition requires meaningful interaction in the target language – natural communication – in which speakers are concerned not with the form of their utterances but with the messages they are conveying and understanding.” (Stephen Krashen, 1987)

2. Princípios gerais e bases de pesquisas de CBI

Há muito tempo foi estabelecido nas pesquisas de educação por imersão que CBI funciona. Isto é, alunos que participam de programas de imersão, não apenas se tornam

proficientes na língua, mas também atingem um patamar acadêmico evidenciado por suas performances em testes de desempenhos padronizados. Por que isso ocorre? O que nós sabemos sobre CBI e sua eficácia?

De acordo com as pesquisas de Grabe & Stoller, 1997; estudos em contextos de ensino de inglês como segunda língua, mostram que CBI resulta em aprendizagem do idioma, aprendizagem de conteúdo, além de elevar a motivação e níveis de interesse. A aquisição de segunda língua é incrementada com CBI, porque os alunos aprendem idiomas melhor quando há ênfase em conteúdo relevante, significativo, do que na língua propriamente dita. A aprendizagem natural do idioma ocorre em contexto, a língua natural nunca é assimilada separadamente do significado e CBI proporciona um contexto significativo para a comunicação acontecer (Curtain, 1995). Fatos e habilidades ensinados isoladamente, precisam de muito mais prática e repetição antes de serem internalizados ou são armazenados na memória a longo prazo; informações apresentadas coerentemente, organizadas por temática, são mais fáceis de serem lembradas e levam a melhor aprendizagem. Grabe e Stoller dizem que não há tempo bastante para isolar conteúdo e linguagem – adiar o ensino através de conteúdo enquanto os alunos desenvolvem linguagem acadêmica mais avançada, não é unicamente impraticável, mas é também ignorar os interesses, necessidades e níveis cognitivos dos alunos. Eles asseguram que a instrução baseada em conteúdos proporciona envolvimento intelectual; tarefas que são intrinsecamente interessantes e cognitivamente envolventes, levando a mais e melhores oportunidades para aquisição de uma segunda língua. Durante as aulas baseadas em conteúdos, os alunos têm mais ocasiões favoráveis de trazer seus conhecimentos e experiências para as aulas; eles ativam suas vivências prévias, podendo aumentar o aprendizado linguístico e acadêmico. Dessa forma, a instrução baseada em conteúdos é motivadora porque a linguagem é o veículo para assunto significativo e apropriado, realçando uma conexão com a vida real e habilidades do mundo real. A CBI fomenta negociação de significado, que é conhecido por elevar a aquisição da linguagem (os alunos devem negociar a comunicação relacionada aos dois; forma e conteúdo), além de estimular o uso de um discurso particular (resolução de problemas, reflexão, estratégias de repetição); sendo assim, forma e significado são importantes e andam juntos; separá-los não torna o ensino de línguas um processo natural. Curtain (1995) reitera que materiais livres de contexto não são ricos o suficiente para manter o interesse dos alunos. Presta-se a abordagens e aprendizagem de sucesso: aprendizagem cooperativa, estratégia de uso, leitura extensiva, todos contribuem para aperfeiçoar habilidades linguísticas.

3. CBI e prática docente: algumas características e percepções

Percebemos a importância de articular as aulas de forma que os alunos desfrutem de amplas oportunidades de interação e participação. Os professores não devem adotar apenas o estilo “palestra” durante suas aulas; eles devem ser perspicazes em seus próprios padrões de discursos e mais tolerantes em relação aos erros dos alunos. Ao analisar professores de segunda língua, bem-sucedidos, que fazem uso da abordagem baseada em conteúdos em suas aulas, na Universidade de Minnesota, Estados Unidos, Richards e Rodgers (2001: 213-214) constataram que esses professores usam a língua alvo consistentemente, ou uma combinação da língua mãe e da língua ensinada em contextos bilíngues. Tais professores reconhecem que os alunos são construtores ativos de significados e planejam suas aulas adequadamente, promovendo contextos significativos, comunicativos e importantes para ocorrer o aprendizado da linguagem, normalmente se baseando em conhecimentos e experiências passadas dos aprendizes, como matérias escolares anteriores. Nos estágios iniciais, o foco se mantém na compreensão, sendo criadas experiências concretas que possam ser executadas pelas crianças. Os educadores fazem um planejamento dos temas abordados, incluem a leitura e a escrita como ferramentas; sejam quais forem os níveis do desenvolvimento da língua e avaliam o desempenho dos seus alunos regularmente. O uso da repetição está sempre presente. Richards e Rodgers observaram que esses docentes realizam atividades relativas ao interesse dos alunos, seus níveis de desenvolvimento, experiências, diversos estilos de aprendizagem e necessidades e ressaltam atividades que são envolventes cognitivamente e essencialmente motivadoras. Além de estabelecer contextos claros e significativos para serem estudados e reformular as construções linguísticas dos alunos. Concomitantemente, eles prestam atenção nos dois; estrutura da língua e ensino do conteúdo. Materiais visuais e manuseio de objetos da vida real fazem parte do dia a dia dos aprendizes. Em estágios mais avançados, os professores maximizam o rendimento dos alunos, proporcionando oportunidades para a produção de discursos mais extensos e ministram atividades de aprendizagem e escolha individual para os alunos mais centrados. Em CBI, existe uma relação recíproca de aprendizado entre professores e alunos.

4. Leitura

Se os alunos se tornarem leitores entusiásticos de qualquer tipo de literatura, eles progredirão substancialmente. A prática da leitura ajuda a construir a linguagem e competência em alfabetização, graças ao contexto familiar e elevado nível de compreensibilidade (Lamme, 1974; Cho & Krashen, 1994). Ademais, a aquisição de algum gênero escrito pode facilitar a compreensão de qualquer outro. Segundo esses autores, os melhores livros, são tipicamente séries e trilógicas. Entretanto, essa tipologia de livros nem sempre é adequada a crianças, gerando um impasse em relação à escolha de livros para esse perfil de alunos.

Um problema com a literatura em língua estrangeira é a dificuldade de encontrar textos que sejam compreensíveis e despertem o interesse para uma leitura prazerosa. Os alunos iniciantes julgam os textos difíceis demais. Existem duas soluções para este problema; uma é simplesmente encontrar os melhores livros paradidáticos, enquadrados como literatura infanto-juvenil e torná-los acessíveis à uma leitura voluntária. A outra é uma inovação recente, chamada de livros artesanais (handcrafted books), desenvolvidos por Beatrice Dupuy e McQuillan, desde 1997, que são livros escritos por alunos intermediários e avançados, corrigidos pelo professor, para serem lidos pelos alunos iniciantes. Os alunos escritores são instruídos a não consultar palavras no dicionário enquanto eles estão escrevendo; se eles que têm o nível intermediário, não conhecem determinada palavra, provavelmente os alunos de nível básico não conhecerão também. Desta maneira, livros artesanais têm grandes chances de serem interessantes e compreensíveis, eles são escritos por colegas da mesma faixa etária que são, linguisticamente, um pouco mais avançados que os leitores. Beatrice Dupuy, inventora dos livros artesanais, relata que já existem mais de quatrocentos livros escritos e ilustrados disponíveis (Dupuy, 2011). Ela é professora francesa, e tem divulgado a sua ideia através de suas publicações e conferências.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi apresentar uma reflexão acerca do ensino da língua inglesa, como segunda língua, para crianças e avivar o interesse nos professores que atuam nessa área para um maior empenho nos estudos de comparação das metodologias utilizadas para essa faixa etária, valendo-se pela importância de se ter uma forma apropriada no aprendizado deste idioma que proporcione o desenvolvimento da competência comunicativa, oferecendo aos alunos um método que propicie interação, que seja eficiente, atraente e factível, gerando

fluência e uma grande amplitude de vocabulário. Torna-se evidente a importância do papel que os educadores devem desempenhar, em especial aqueles que lidarão com crianças, uma vez que precisam ter habilidades diferentes daqueles que trabalham com adolescentes e/ou adultos, dado que as crianças apresentam características de aprendizagem bastante peculiares.

Pensando assim, defendo a visão de ensino aprendizagem de Vygotsky, que se baseia na interação social, visão que atribui ao professor o papel de mediador da aprendizagem, devendo este buscar maneiras de auxiliar o aluno a assimilar o conteúdo, através de atividades que envolvam interação. Ao professor caberá facilitar o processo de aquisição de novos conceitos e linguagens, respeitando as limitações individuais dos alunos e levando em consideração os conhecimentos prévios de cada um deles.

Foi elaborado um panorama sobre a teoria da instrução baseada em conteúdos e suas contribuições ao ensino de língua inglesa para crianças, alguns dos princípios gerais que serviram de base de pesquisa de CBI, bem como algumas características de educadores inseridos neste tipo de abordagem. A instrução baseada em conteúdos presume que o ensino de língua é produto de enfoque em significado, oferecendo algum conteúdo específico. Os tópicos escolhidos que auxiliam nos ensinamentos em CBI, devem ser escolhidos de forma que atendem a necessidade e interesses dos aprendizes e promovam um excelente desenvolvimento da competência em aquisição de segunda língua. Há questões críticas para educadores de línguas estrangeiras levarem em consideração: “que conteúdo?” e “quanto de conteúdo?” melhor favorece no ensino de inglês. O conteúdo natural para professores de línguas é a prática da leitura e a língua em si; nós estamos começando a ver o ressurgimento de interesse em literatura e no tema da “linguagem: a tecnologia básica humana” como fontes de conteúdo no ensino de línguas.

Referências

ANTHONY, E. M. **Approach, method and technique.** ELT Journal, 1963.

BRINTON, D. **Content-based instruction.** In D. Nunan (Ed.), *Practical English Language Teaching* (pp. 199–224). New York: McGraw Hill, 2003.

_____.; SNOW, M. A.; WESCHE, M. B. **Content-based second language instruction.** New York: Newbury House, 1989.

CRYSTAL, D. **The Cambridge Encyclopedia of Language.** Cambridge University Press, 1997.

DUPUY, B. (2011). **CLIL: Achieving its goals through a multiliteracies framework**. *Latin American Journal of Content and Language Integrated Learning*, 4, 2, 21-32.

GRABE, W.; STOLLER, F. L. **Content-based instruction: Research foundations**, 1997.

KRASHEN, S. D. **Principles and practice in second language acquisition**. New York: Prentice Hall International, 1987.

_____. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Prentice-Hall International, 1988.

MANISH, A. V.; YOGESH L. P. **Teaching English as a Second Language: a New Pedagogy for a New Century**, 2009. Pg. 129 Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=jhe8pDczX1MC&oi=fnd&pg=PA129&dq=Content+Based+Instruction&ots=cOd95qnGR8&sig=bLYWRLUq_C0Y_xGe4Ji549H83-0#v=onepage&q=Content%20Based%20Instruction&f=false. Acesso em: 15 ago. 2021.

RICHARDS, J.; RODGERS, T. **Approaches and methods in language Teaching** (2nd ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

RODGERS, T. **Language Teaching Methodology**. CAL Digest Series. University of Hawaii, 2001. Out. 2008.

SCHÜTZ, R. **A evolução do aprendizado de línguas ao longo de um século**. English made in Brazil, 2007.

_____. **"Stephen Krashen's Theory of Second Language Acquisition."** English Made in Brazil. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-krash.html> Acesso em: 15 ago. 2021

SNOW, & D. M. Brinton (Eds.), **The content-based classroom: Perspectives on integrating language and content** (pp. 5–21). NY: Longman.